

ESCOLAS

Acontece em Copacabana, acontece na Tijuca, mas não creio que aconteça muito com tanto despudor fora do Rio de Janeiro: as horrorosas vitrinas do patriotismo escolar. A gente passa, à noite, e vê uma casa fortemente iluminada. A sala da frente, com janelas e portas escancaradas e luzes furiosamente acesas, mostra as carteiras e objetos de uso escolar, e ao fundo, na parede, a Bandeira Nacional. Em certos casos, há também o retrato do presidente da República.

Não tenho a opôr ao uso de retratos do presidente da República e da Bandeira Nacional nas escolas. Mas transformar uma sala de aulas numa vitrina, usando essas coisas como chamariz, em um estardalhaço noturno de patriotismo de propaganda comercial, isso me parece um pouco de mais. Qualquer dia um desses estabelecimentos industriais do ensino, dirigidos por um desses cavalheiros de indústria da pedagogia, é capaz de contratar um camelô vestido de verde e amarelo para ficar na calçada batendo palmas e gritando aos transeuntes:

— “Entrem! Entrem sem compromisso! E’ o Instituto Superior Pedagógico Nacional Coração do Brasil! Muito patriotismo! Religião, moralidade, civismo e ciencias quase de graça! Aproveitem as últimas matrículas para 1954! Faça de seu filho um grande brasileiro, um futuro Pai da Pátria! Preços especiais! Aproveitem os saldos de fevereiro e as loucuras de março! Abaixo os lafranhudos da zona! E’ aqui, minha senhora, é aqui, cavalheiro, visitem o super-pedagógico! Vai querer? Quem mais?”

E lá dentro, junto à caixa registradora, de fitinha auri-verde à lapela, o gerente da casa espera os filhos do papalvos.

Ah, dona Palmira, da escola do Centro Operário, que saudade de sua classe tão simplesinha e decente.

R. B.

14/2/54